

# *Praia dos Ossos:* a fantasia somática somatossensitiva como manifestação de violência

*Praia dos Ossos*: the somatic-sensitive fantasy as manifestation of violence

Maria Luiza Persicano, Luciana Celani, Patrícia Gonçalves, Thaís Lazzari

## **Resumo**

Com base no conceito de imago somatossensitiva na fantasia somática, desenvolvido por Maria Luiza Scrosoppi Persicano (2013), as autoras propõem uma leitura do crime cometido por Doca Street, que matou sua namorada Ângela Diniz, em 1976, como um caso de fantasia somática manifesta como forma de violência.

## **Palavras-chave:**

fantasia; fantasia somática; imago somatossensitiva; narcisismo destrutivo; pulsão de morte.

## **Abstract**

Based on the concept of somatic-sensitive imago in somatic fantasy, postulated by Maria Luiza Scrosoppi Persicano (2013), the authors propose an analysis of the crime committed by Doca Street, who killed his then-girlfriend Angela Diniz in 1976, as a case of somatic fantasy as manifestation of violence.

## **Keywords:**

fantasy; somatic fantasy; somatic-sensitive imago; destructive narcissism; death drive.

## ***Praia dos Ossos: a fantasia somática somatossensitiva como manifestação de violência***

### **Introdução**

Olhou-me e não disse nada, eu me encaminhei em sua direção e pedi ‘vamos fazer as pazes’. Ela se levantou e foi para o banheiro. Entrei com ela e tentei abraçá-la, mas me rejeitou e voltou a se sentar no mesmo lugar. Fui para junto dela, pus minha pasta ao lado e me ajoelhei em sua frente. Segurei suas mãos e pedi que reconsiderasse, nos amávamos, tínhamos que ficar juntos. ‘Me abraçe, pelo amor de Deus, eu amo você!’ Ela me olhou, mas seus olhos não diziam nada.

– Se quiser me dividir com homens e mulheres... – e aí ficou exaltada. – Pode ficar, seu corno! – E bateu a pasta com toda a força em meu rosto.

Apesar da surpresa, por puro reflexo, virei um pouco o rosto. Fui atingido, mas a pasta escapou de sua mão e foi parar na porta do banheiro. Levantei-me e fui apanhá-la, a pasta estava aberta e minha arma estava no chão. Segurei-a firme e puxei a parte de cima, assustei-me ao ver a cápsula ser remetida para fora, sinal de que esteve sempre pronta para ser acionada. Quando virei, xingando-a, já estava atirando. Disparei várias vezes de maneira mecânica. Não lembro de ouvir os tiros, estava louco, transtornado. Olhei assustado para a arma e deixei-a cair aos meus pés, olhando pela última vez Ângela, que desabara ao receber os tiros. (STREET, 2006, p. 280)

Esta é a descrição que Raul Fernandes do Amaral Street, conhecido como Doca Street, faz, em seu livro *Mea Culpa* (2006), da cena em que disparou quatro tiros em Ângela Diniz, causando a morte dela, em 30 de dezembro de 1976. Este caso foi escolhido como nosso objeto de estudo, resultando no presente artigo. O percurso teórico realizado se deu durante o seminário de Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae, nomeado como *Fantasia, Angústia e Superego em Melanie Klein*<sup>1</sup>, a partir da leitura de textos de Maria Luiza Scrosoppi Persicano (2013-2022), conversando com os textos de Sigmund Freud, Melanie Klein, Susan Isaacs, Hebert A. Rosenfeld e Elizabeth Bott Spillius.

Para articular os conceitos destes autores em um exercício de escrita, utilizaremos esse famoso caso, do assassinato de Ângela Diniz, por Doca Street, recortado do podcast *Praia dos Ossos* (2020), que foi idealizado e elaborado pelas jornalistas Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux, a partir de gravações e levantamento bibliográfico. Nossa pergunta norteadora é: quando Doca Street dispara quatro tiros contra sua parceira, estaríamos diante de um caso de fantasia somática somatossensitiva como manifestação de violência (PERSICANO, 2013, 2022)? Para elaboração desta hipótese, faremos uma articulação desses conceitos psicanalíticos e trechos retirados do podcast acerca do crime.

1. Seminário teórico curricular do segundo semestre do segundo ano do Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae, ministrado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

*Praia dos Ossos* (2020) é uma série de oito episódios que recontam a história do célebre assassinato da socialite mineira por meio de um material jornalístico narrativo. O roteiro é constituído por 80 horas de áudios, envolvendo gravações do julgamento do assassino, entrevistas concedidas na época, depoimentos de conhecidos e uma entrevista com o próprio Doca Street.

No primeiro episódio de *Praia dos Ossos* (2020), apresenta-se o crime. Ângela fora assassinada com quatro tiros, disparados por Doca, em uma casa de veraneio onde o casal estava hospedado. O caso teve imensa repercussão midiática por serem duas figuras que constantemente estavam nos tabloides de fofoca, mas também pelo controverso julgamento, marcando a história do movimento feminista brasileiro em seu embate com o sistema jurídico.

### Alguns pontos a respeito da fantasia somática somatossensitiva

Em primeiro lugar, seguindo a leitura do trabalho *A imago somatossensitiva na fantasia somática* (2013) de Persicano, torna-se necessário fazer uma distinção importante acerca do significado de fantasia para Freud e para Klein. Para pensar o conceito de fantasia somática, foi feito um percurso da fantasia como foi entendida por Freud, até o uso do termo em Klein. Enquanto Freud pressupõe uma imagem visual da fantasia inconsciente recalcada (FREUD, 1915), Klein abre campo para pensarmos em impressões pré-visuais e pré-verbais presentes nas fantasias mais primitivas, fantasias inconscientes anteriores ao recalque.

Frequentemente se considera que apenas as fantasias inconscientes estão implicadas na definição estrita do conceito metapsicológico de fantasia. Isto no referencial freudiano de primeira tópica (inconsciente recalcado), porque as fantasias [para Freud] são representações ao mesmo tempo verbais e visuais recalçadas, que põem em cena um desejo arcaico inconsciente, de modo mais ou menos disfarçado, e a cena se compõe como matriz para desejos atuais conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Seguindo a ideia Kleiniana, [...] a concepção de que fantasia é operante desde o início, nos estágios mais primitivos [...], as fantasias inconscientes encaixam-se no soma (inconsciente primário anterior ao recalque), havendo quase uma equivalência fantasia e soma. (PERSICANO, 2013, p. 43)

Esta compreensão do que é fantasia inconsciente para Freud se encontra já em um texto em que a autora Spillius (2001/2006) discute o uso do conceito de fantasia em Freud e em Klein. Ela aponta que uma característica fundamental do entendimento de fantasia em Freud é o fato de que, para ele, essa é uma atividade que deriva, principalmente, de devaneios conscientes ou pré-conscientes e que são posteriormente recalcados. Isso quer dizer que, para Freud<sup>2</sup>, a fantasia ocupa essencialmente o lugar de satisfação, ainda que parcial, do desejo inconsciente. Ele compreende fantasias, bem como os sonhos, como derivados encobertos, por processos de

2. No texto *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico*, Freud (1911/2010) traz a ideia de fantasia como uma atividade de pensamento “submetida somente ao princípio de prazer” (p. 114), ou seja, seria uma atividade que tem como fim a satisfação, ainda que de forma parcial de desejo.

deslocamento, condensação etc. do desejo inconsciente. Spillius também ali ressalta o aspecto sempre inconsciente da fantasia no olhar kleiniano como uma atividade que está presente desde o nascimento, ainda que de forma rudimentar, dizendo que o olhar de Klein a respeito da fantasia é mais amplo que de Freud.

O uso da definição de fantasia enquanto satisfação de desejo é central em Freud, mas é apenas um tipo específico de fantasia, na definição mais abrangente de Klein. Na formulação de Freud, as fantasias conscientes podem ser reprimidas [recalcadas], mas essa não é, na formulação de Klein, a única, nem a principal fonte de fantasias inconscientes. Como Klein as usa, as fantasias inconscientes subjazem não só aos sonhos, mas a todo e qualquer pensamento e atividade, tanto criativa quanto destrutiva, inclusive na expressão de relações de objetos internos na situação analítica. (SPILLIUS, 2001/2007, p. 199)

Em texto inaugural e fundamental a respeito de fantasia inconsciente em Melanie Klein, *A natureza e a função da fantasia*, Susan Isaacs (1952/1982) já trazia esse conceito de forma bastante clara, como utilizado no pensamento kleiniano. Segundo a autora: “Não existe impulso, nem ímpeto ou reação instintivos, que não sejam experimentados como ‘fantasia’ inconsciente”. (ISAACS, 1982, p. 96)

Neste trabalho, adotaremos o termo ‘fantasia’ como trabalhado por Melanie Klein, revisitado e revisto em Persicano (2013), como caráter distintivo de significado na vida mental. A partir da leitura destas autoras, entendemos que não há nenhuma atividade interna que não envolva uma fantasia, “nada no mundo interno deixa de se dar sem ser ou ter na base uma fantasia inconsciente.” (PERSICANO, 2013, p. 54) A fantasia constrói realidades e, no início da vida, é vivenciada no soma, que, por sua vez, é entendido por Persicano como um “conjunto não integrado, mas correlacionado, do tecido do corpo biológico vivo (...) um corpo ainda não integrado por Eros narcísico, portanto, um corpo pulsional de pulsões parciais” (2013, p. 33).

Outro ponto conceitual importante passa pelo entendimento de pulsão de morte (FREUD, 1920). Para Freud (1924), as pulsões de vida e morte nunca se manifestam de forma pura, totalmente defundidas, mas estão sempre misturadas, ainda que em diferentes graus. A partir desta ideia da defusão, mais ou menos completa, Freud pressupõe que há uma sobra de pulsão de morte livre no organismo e fixada pela libido.

Klein parte desta ideia de Freud, em que a pulsão de morte opera livremente no organismo, desde o momento do nascimento, quando há uma grande defusão (FREUD, 1924). E, então, tornar-se-á parte da matéria-prima que dará forma às fantasias inconscientes. Entretanto, Freud não irá rever seu conceito de fantasia inconsciente com sua última teoria das pulsões, levando em conta a pulsão de morte. E Klein amplia nesta direção o conceito de fantasia inconsciente para fantasias destrutivas, que se manifestam em imagos somatossensitivas<sup>3</sup> (PERSICANO, 2013).

3. Somatossensitiva é a modalidade sensorial que inclui várias formas de sensações e imagens, a saber: de tato, temperatura, dor, muscular, visceral e vestibular. A imago somatossensitiva é o conceito psicanalítico estabelecido em Persicano (2013), pois entende-se nele a imagem de um objeto interno, o qual associado à angústia somática conceito desenvolvido por Persicano (2004), formará a fantasia somática somatossensitiva (2013).

Assim, o próprio Freud já considera que uma parte da pulsão de morte permanece no organismo, ligada à pulsão de vida. A partir dessa ideia, Melanie Klein (1927/1997) defende que um dos caminhos que o ego encontra para dar conta da pulsão de morte operante no organismo é mobilizar uma parte dela contra outra, levando à formação do superego arcaico, a partir de uma cisão no id (PERSICANO, 2013). Ao mesmo tempo, caberá “à libido narcísica desviar para o exterior a grande parte das intensidades da pulsão de morte que nas origens estão voltadas para o organismo”. (PERSICANO, 2013, p. 128)

Esse processo é visto como uma cisão do id por Klein, caracterizando, para ela, a formação do superego arcaico. Ele se dará pela fusão entre a pulsão de morte e a libido narcísica, que terá uma grande importância no pensamento kleiniano para o desenvolvimento da ideia de pulsões de destruição, que seriam justamente a fusão patológica da pulsão de morte com a libido narcísica. Conforme descreve Persicano (2013), seguindo a conceituação de Rosenfeld (1971a), na fusão patológica a pulsão de morte fica reforçada em seus objetivos, e estes não são mitigados pela pulsão de vida.

É interessante retomar o narcisismo destrutivo, proposto por Rosenfeld (1971b/1989), a partir da fusão patológica entre os aspectos libidinais e destrutivos. Segundo o autor, este narcisismo destrutivo surge quando o *self* idealizado e onipotente é ameaçado, e a agressividade destrutiva vem à tona como forma de defesa.

Inspirado pelo dualismo pulsional freudiano e a teoria kleiniana, Rosenfeld (1971b/1989) propõe que o narcisismo destrutivo seria uma defesa contra a inveja primária, derivada da pulsão de morte. Ele menciona como Melanie Klein, observando aspectos negativos da transferência em análise de crianças, identifica a inveja como uma forma de ataque contra uma mãe boa, nutridora e invejada pelo fato de que teria tudo de que a criança depende. A inveja, portanto, surgiria a partir do reconhecimento da dependência do objeto, de que existe uma separação entre o *self* e objeto, e que este é quem contém as partes boas. O autor afirma que:

A consciência da separação leva imediatamente a sentimentos de dependência com relação a um objeto e assim a inevitáveis frustrações. Entretanto, a dependência também estimula a inveja, quando se reconhece a bondade do objeto. A agressividade com relação a objetos parece, portanto, inevitável para o abandono da posição narcísica e parece que a força e persistência de uma relação objetal onipotente e narcísica está intimamente relacionada com a força dos impulsos destrutivos invejosos. (1971b, p. 239)

Rosenfeld, portanto, chama a atenção para a importância de separar os aspectos libidinais e os destrutivos do narcisismo. Do ponto de vista dos aspectos libidinais, há uma grande idealização do *self*. E do ponto de vista destrutivo, há uma idealização, inclusive, das partes onipotentes e destrutivas desse *self*. Geralmente, o sujeito narcisista é fascinante e atrai as pessoas, fazendo de tudo para não se submeter à dependência do objeto. Idealiza a experiência boa com o objeto, se identificando com ele. Para o narcisista, tudo o que tem valor é parte desse *self* onipotente ou é controlado por ele, e o que não é bom está fora. O *self* narcisista, além de colocar toda a destrutividade no outro, também idealiza os aspectos destrutivos do seu próprio *self*, dificultando

o sujeito narcisista de se vincular genuinamente ao objeto. Além disso, a parte destrutiva de seu *self* pode atacar a parte sadia.

No narcisismo da maioria dos pacientes, coexistem lado a lado aspectos libidinais e destrutivos, mas a violência dos impulsos varia. Nos estados narcísicos onde predominam os aspectos libidinais, a destrutividade se torna aparente tão logo a idealização do *self* onipotente fica ameaçada pelo contato com um objeto que é percebido como separado do *self*. (ROSENFELD, 1971, p. 240)

Chegamos, por fim, ao conceito de fantasia somatossensitiva, compreendida por Persicano (2013) como a mais arcaica entre as fantasias primárias e resultante de “sensações de tato, de temperatura, de dor, musculares, viscerais e vestibulares” (p. 116). A imago da fantasia somática, “é um soma que ‘pensa’ (2022). Não é ainda o aparelho psíquico, é o raiar do psíquico. É o sonho do soma” (p. 46). Em suas palavras:

Em cada fantasia somática há imagos de objetos internos e externos, vivenciados enquanto imagos somatossensitivas, deixadas pelas próprias sensações somatossensitivas, e revivificadas como tais, configurando assim uma fantasia primária somática. Aqui, portanto, o soma e sensações somáticas estão sendo vistos como objetos que produzem imagos somatossensitivas, as que até agora denominei de imagens sensoriais ou de imagos somáticas, mas que doravante denominarei de imagos somatossensitivas. Estas imagos são reativadas nas fantasias primárias como repetição de vivências desprazerosas de aniquilamento ou perseguição, vividas somaticamente (PERSICANO, 2013, p. 117).

É importante ressaltar que, do ponto de vista da autora, a angústia somática prescinde de palavras e de imagens visuais ou sonoras, mas não pode se dar sem a fantasia. A angústia somática pode ser vivida por meio do fantasiar somático, ou seja, por meio da realização alucinatória de impulsos pulsionais destrutivos em imagos somatossensitivas. Isso significa que a sensorialidade somatossensitiva é capaz de formar imagens revividas alucinatoriamente em sensações do soma, em especial em imagos somatossensitivas nas quais a angústia somática se descarrega. Segundo Persicano, “o afeto é agido no soma, em uma espécie de alucinação somatossensitiva, quando ocorre a revivência da fantasia somática ante situações de vida que ativam as posições arcaicas.” (2013, p. 202)

Em *A fantasia somática como manifestação de violência* (2022), Persicano fala do soma como um campo de batalha do fantasiar, um *locus* em que as fantasias inconscientes podem ser encenadas. Assim, a fantasia somática pode se fixar em imagens sensoriais pré-visuais e pré-auditivas, que seriam as imagens olfativas, gustatórias e também as somatossensitivas, que envolvem imagens sinestésicas ou musculares, viscerais, vestibulares, de temperatura e de dor. Em suma, a autora traz um “sonho do soma”, um “Isso encenado imagetivamente” (PERSICANO, 2022, p. 43-203) no soma, por meio das imagens sensoriais.

Os impulsos destrutivos encenados no soma, por um fantasiar de imagos somáticas podem se dar por meio de atuações na conduta, adoecimento crônico ou degenerativo e até a morte.

Para refletir sobre a cena do assassinato de Ângela Diniz por Doca Street, vamos nos ater ao estudo de Persicano (2013, 2022) sobre como a fantasia somatossensitiva, quando manifestada na ação muscular estriada, pode levar ao ato da violência. Através de um fantasiar vestibular e sinestésico, ocorre um “pensar” por meio dos músculos estriados.

Em seu artigo, Persicano (2022) faz uma distinção importante entre a violência praticada por psicopatas de forma planejada, premeditada e aquela que ocorre repentinamente, explosiva, sem planejamento anterior e sem que seja registrada integralmente na consciência da pessoa que a exerce. Para a autora, esta última seria uma manifestação de fantasias somáticas das mais primárias, a fantasia somatossensitiva, quando a ação violenta seria a própria eclosão da fantasia somática. Para que esse tipo de manifestação aconteça, não é preciso haver maldade, mas fantasias narcísicas destrutivas, advindas de “um ego frágil, com defesas incipientes e objetos superegoicos arcaicos e invejosos”. (PERSICANO, 2022, p. 49) Persicano (2022) afirma que as manifestações de fantasias somáticas em ação muscular estriada, que caracterizam ações violentas abruptas contra o outro ou contra si mesmo, são formas que o narcisismo destrutivo encontra para evitar o contato com a dor mental, fazendo uso da sensorialidade sinestésica e vestibular.

Nossa hipótese é a de que essa forma de violência ocorre na ocasião do assassinato de Ângela Diniz por algumas características encontradas em materiais descritivos e narrativos da ação de Doca Street, o que iremos discutir mais detalhadamente a seguir, mantendo sempre em vista as limitações de analisar um recorte de cena apresentado na literatura e não vivido enquanto experiência clínica, na transferência.

### Entendimento da fantasia somática somatossensitiva como manifestação de violência

Ao longo dos episódios de *Praia do Ossos* (2020), vamos escutando diferentes narrativas em torno da personalidade de Doca Street, advindos das diversas descrições de amigos e conhecidos que foram coletadas pela jornalista Branca Vianna. Alguns amigos, como também seu advogado, descreviam-no como um homem de bem e dócil, características que pareciam, de início, atrativos para Ângela. Kiki Garavaglia, amiga do então casal, conta que “ela [Ângela Diniz] só pensava em ter uma vida normal. E com o Doca ela achou que isso ia acontecer. Porque ele tinha uma vida careta. Era pai. Todo certinho.” Ao mesmo tempo, surgem outras características, um tanto antagônicas. “Homem forte do mercado de capitais, figura obrigatória nas reuniões e *happenings* da sociedade paulista, *bon-vivant*, Doca Street”. Essas eram palavras estampadas sobre ele, em uma revista da época. “O Doca era um vagabundo. Não fazia nada, não estudava, não fazia nada. Fica-va sempre brigando, andava armado” (*Praia dos ossos*, 2020, episódio 6), afirmava Fritz d’Orey, outro conhecido de infância. Esses diferentes aspectos nos ajudaram a sonhar uma imagem de Doca, como um sujeito de personalidade narcisista, que parece encontrar na relação com Ângela aspectos que o remetem a boas experiências com o objeto e, por outro lado, que lhe despertam fúria diante de cada ameaça de perdê-la.

Utilizando a referência de Rosenfeld (1971/1989), sabemos que, no narcisismo destrutivo, a dependência em relação ao objeto bom, quando se reconhece a bondade do objeto, dispara inve-

ja. A idealização do objeto é uma defesa contra a inveja. O que significa que uma relação objetal onipotente e narcísica, que constrói defensivamente a idealização do objeto, acaba por trazer à tona impulsos destrutivos em direção ao próprio objeto idealizado. Além disso, a idealização do *self* tem papel fundamental no narcisismo e quando ganha um aspecto patológico, as partes destrutivas e onipotentes do *self* também são idealizadas.

Nos estados narcísicos onde predominam aspectos libidinais, a destrutividade se torna aparente tão logo a idealização do *self* onipotente fica ameaçada pelo contato com um objeto que é percebido como separado do *self*. (ROSENFELD, 1971/1989, p. 240)

O encontro amoroso de Ângela e Doca era descrito como algo inebriante. A amiga Kiki Garavaglia relata: “Ângela tinha se tornado aquela... A mulher pecado, que leva os homens à loucura, tá entendendo? Uma coisa meio assim. ‘Não, coitado do Doca, tá envolvido, mas vai passar, isso é negócio de droga.’” (*Praia dos Ossos*, 2020, episódio 6)

Nas palavras do Doca: “paixão é como cachaça, só não tem A.A.” (*Praia dos Ossos*, 2020, episódio 6). Em seu livro, *Mea Culpa*, Doca afirma que o maior problema do casal era quando Ângela be-bia. Em nosso entendimento, era nestes momentos que ele via o objeto idealizado se transformar repentinamente em objeto mau, desafiando seu *self* onipotente. Ele mesmo descreve como reagiu em um dos momentos em que ficou extremamente frustrado ao se deparar com ela embriagada:

Quando entramos no elevador, empurrei Ângela, que caiu de joelhos. Só aí percebi seu estado, apesar da pouca luz do elevador. Ela estava embriagada, com aquela cara toda desmanchada que me horrorizava. O elevador estava parado, eu estava tão descontrolado, que esqueci de apertar o botão do térreo. Seu cabelo estava em ordem e sua roupa também. Lançou-me um olhar de escárnio e um sorriso desafiador. Tentou se levantar, mas empurrei-a de volta ao chão. No térreo, arrastei-a para fora do elevador até a enorme porta de ferro. O porteiro abriu os olhos e olhou assustado. Levantei-a pelas axilas e a carreguei até o carro. [...] Abri a porta e a enfiei lá dentro. [...] Quando entrei, esmurrei o para-brisa de raiva. Chorava, pois queria tê-la esmur-rado. (*PRAIA DOS OSSOS*, 2020, episódio 1)

Ao se deparar com Ângela alcoolizada, Doca possivelmente vivencia esta frustração em relação ao comportamento do objeto como um ataque contra as partes idealizadas de próprio seu *self*, uma ameaça, “a presença de um objeto atacante, que ameaça o bebê de aniquilação (angústia de aniquilamento)” (PERSICANO, 2013, p. 137). Poderíamos começar a pensar que, quando Doca esmurra o para-brisa, já há um sinal do irrepresentável se manifestando no soma. Persicano diz que:

A violência pode ser a manifestação de fantasias somatossensitivas destrutivas – via violência muscular –, uma incontinência abrupta e explosiva em manifestação de angústia somática mais *imago* somatossensitiva muscular e vestibular. Efeitos de ruptura de um continente fictício e artificial nas psicoses e nas violências físicas descontroladas contra outro humano, nem sempre ligadas abertamente à maldade, à de-

linquência, menos ainda à psicopatia. Todos esses efeitos, entretanto, são narcísicos, sob a forma de narcisismo destrutivo, em que a libido narcísica trabalha a serviço da pulsão de morte. (PERSICANO, 2022, p. 47)

No dia 30 de dezembro de 1976, após uma tarde repleta de álcool e flerte na praia com Ângela, Doca Street viu-se envolto em uma discussão que acabou levando ao crime. Nunca saberemos exatamente o que se passou com ele. Até porque nem ele próprio, em entrevista concedida em 2019, mais de 40 anos após o assassinato, sabia contar o que lhe acontecera. “Ela atirou minha bolsa na minha cara, a bolsa abriu, o revólver caiu... Eu já levantei atirando, nem sei por quê.” (*PRAIA DOS OSSOS*, 2020, episódio 6) Como hipóteses, podemos pensar no acúmulo de angústia e fúria como resultado da discussão do casal e na ameaça de que, se Ângela o deixasse, conforme ela vinha ameaçando fazer, seu *self* onipotente seria destruído. Ao ser destronado, no momento que ela o chama de corno, sua libido narcísica age a serviço da destrutividade. Uma angústia que teria reativado posições arcaicas em uma alucinação somatossensitiva. Como defez-se contra a angústia de aniquilação, Doca, disparando quatro tiros em Ângela, ativa um “recurso às sensorialidades sinestésica e vestibular e a manifestação da ação muscular estriada que caracteriza certa espécie de violência sobre o outro.” (PERSICANO, 2022, p. 49)

Doca atira alegadamente “sem pensar”, mas que é, ao mesmo tempo, um pensar sinestésico, ainda que sem intenção consciente da ação muscular. “Disparei várias vezes de maneira mecânica. Não lembro de ouvir os tiros, estava louco, transtornado.” (STREET, 2006, p. 280) Em nossa hipótese, que a fantasia somática de Doca ocorreu na manifestação de violência contra uma ameaça de aniquilação de seu *self* onipotente e idealizado, ainda que ele não pudesse entender, no momento, o que gerava sua angústia. Doca mata sua namorada e, ao longo da vida, sustenta sua incompreensão sobre o que ocorreu na ocasião. Em carta à amiga Kiki Garavaglia, diz: “Eu matei uma pessoa maravilhosa, perdi a cabeça. Mas, Kiki, eu não quero que você pense mal de mim. Eu tava fora de mim” (*PRAIA DOS OSSOS*, 2020, episódio 6). Esta fala remete à afirmação de Persicano, ao analisar um caso clínico: “Algo demoníaco escapava. E era uma fantasia somatossensitiva destrutiva.” (PERSICANO, 2022, p. 58)

Outro ponto que nos ajuda a pensar na hipótese de um caso de violência como manifestação de fantasia somática é o que se passa com Doca após o crime. Algumas informações nos sinalizam um intenso sofrimento vivido por ele, diferenciando seu comportamento de casos de violência envolvendo maldade ou comportamento psicopático. Apenas para efeito de clareza, Klein faz uma distinção importante entre a ansiedade persecutória e a depressiva:

[...] a ansiedade persecutória se relaciona predominantemente ao aniquilamento do ego; a ansiedade depressiva está vinculada predominantemente ao dano feito aos objetos amados, internos e externos, pelos impulsos destrutivos do sujeito. A ansiedade depressiva tem variados conteúdos, tais como: o objeto bom está ferido, está sofrendo, está num estado de deterioração; transformou-se num objeto mau; está aniquilado, está perdido e nunca mais estará presente. Também concluí que a ansiedade depressiva se acha estritamente ligada à culpa e a tendência a fazer reparação. (KLEIN, 1948/1991, p. 55)

Alguns relatos de *Praia dos Ossos* (2020) trazem o estado confusional de Doca após ter cometido o crime, sinalizando um grande sofrimento psíquico. “Na manhã de 18 de janeiro de 1977, Doca deu entrada numa clínica médica em SP. Segundo os médicos, ele estava deprimido, intoxicado, em estado de pré-coma alcoólico. (...) Só falava em ‘Ângela, meu amor, Ângela, meu amor’. Ele não acreditava que tivesse matado ela, a verdade é essa. Foi um pesadelo para ele. Ele era realmente apaixonado por ela.” (*Praia dos Ossos*, 2020, episódio 1)

No livro autobiográfico *Mea Culpa* (2006), escrito por Doca 30 anos após ter assassinado Ângela e cumprido pena, ele descreve detalhadamente seu caso de amor e a cena do crime. Nós especulamos se a escrita do livro poderia ter sido uma tentativa de reparação ao mal que Doca causou ao objeto amado. Em uma entrevista concedida ao apresentador Amaury Jr., para a *Rede TV* em 2016, o jornalista cita uma passagem do livro, em que Doca diz que “escreveu o livro para não enlouquecer”. Não enlouquecer talvez envolvesse a possibilidade de tentar reparar, ao menos em parte, os efeitos dos componentes pulsionais sádicos e destrutivos de seu *self*, o que indicaria que ele vivenciou, em algum grau, a culpa depressiva. Sobre este tema de reparação simbólica, Persicano acrescenta que:

A reparação é o elemento mais forte dos impulsos libidinais construtivos e criativos que constituem a fantasia reparadora, ou seja, a fantasia de consertar, corrigir, enfim, reparar os efeitos dos componentes pulsionais sádicos e destrutivos, particularmente após episódios de manifestações de violência. Para o pensamento kleiniano, a fantasia reparadora é o alcance do simbólico por excelência. (PERSICANO, 2022, p. 52)

No entanto, até pelas incongruências apresentadas na postura de Doca, não podemos desconsiderar a hipótese de que o livro também possa ser uma forma de defesa contra a ansiedade persecutória vivenciada após o assassinato, diante de toda comoção da sociedade em torno do crime: uma impossibilidade de vivenciar a culpa depressiva. De todo modo, pensamos que a escrita do livro poderia ter sido uma tentativa de reparação simbólica, como resultado da culpa depressiva diante da destruição do objeto amado.

## Conclusão

**Branca Vianna**<sup>4</sup>: Um dos argumentos do Evandro [advogado de defesa de Doca] era de que crime passionais pode acontecer com qualquer pessoa.

**Doca Street**: Eu acho. Eu acho que é a pura verdade. Eu acho. Pisar muito no seu calo, você fica doidona.

**Branca Vianna**: É?

**Doca Street**: Você não acha?

**Branca Vianna**: Eu não tenho a menor ideia, eu não sei, isso eu tenho uma curiosidade muito grande de saber, o que é essa... eu não sei, eu não, eu não sei, realmente não sei. (*PRAIA DOS OSSOS*, 2020, episódio 6)

4. Branca Vianna é jornalista, responsável pela apresentação e idealização do podcast *Praia dos Ossos* (2020).

Com base neste diálogo e orientadas por toda a bibliografia levantada neste artigo, pensamos que esse crime, explosivo, ‘sem pensar’, ‘sem querer’, sem planejamento, parece marcado pela inveja do objeto bom e medo do aniquilamento do *self* onipotente e idealizado, que caracterizam o narcisismo destrutivo. Parece fazer sentido a hipótese de que uma fantasia somática como manifestação da violência foi vivida por meio de uma ação muscular estriada, descarregada em quatro tiros fatais que mataram Ângela. Com base no pensamento de Persicano (2022), apoiamos-nos na existência de um Hitler interno em todos nós a partir das relações de objeto fantasiadas. O crime cometido por Doca Street parece ter sido uma encenação destas angústias e fantasias arcaicas no soma, manifestas por uma ação muscular de violência bruta.

Segundo a autora, a própria ação de Doca é a fantasia somática encenada, encenando imagens somatossensitivas musculares. Uma fantasia somática expressa em violência somatossensitiva. Para que esse tipo de manifestação aconteça, não é preciso haver maldade ou planejamento prévio, mas fantasias narcísicas destrutivas. Conforme caminhamos nesta reflexão, muitos questionamentos foram surgindo, nem todos cabíveis de serem elaborados neste escrito. Evidentemente, caberia um estudo mais aprofundado para buscar explicar todos os aspectos psicanalíticos não só da personalidade de Doca Street, mas também das características da vítima, Ângela Diniz. Entretanto, isto tudo seria insuficiente para procurarmos entender psicanaliticamente a questão de um inconsciente social (Penna, 2022) provavelmente embutido no feminicídio, em forma de manifestação de violência somatossensitiva.

Considerando que o assassinato de Ângela Diniz foi um entre tantos casos de feminicídio que seguem acontecendo no Brasil e no mundo, não pudemos deixar de nos perguntar sobre uma possível relação entre as formas de manifestação da fantasia somática e a cultura. Pensar com Penna (2022) em um inconsciente social com uma matriz social de violência somatossensitiva poderia ser interessante. Deixamos estas questões para investigação em futuros trabalhos, indicando a riqueza da teoria em torno da imagem somatossensitiva na fantasia somática e todas as suas possibilidades de sua ampliação.

## Referências

- FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, S. *Obras completas*, Volume 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_, S. (1915). Repressão. In: FREUD, S. *Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. vol. 14.
- \_\_\_\_\_, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. 18.
- \_\_\_\_\_, S. (1924). O Problema econômico do masoquismo. In: *Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. 19.
- ISAACS, S. (1952). A natureza e a função da fantasia. In: *Os progressos da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- KLEIN, M. (1927). Estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego. In: *A psicanálise de criança* (1975). Tradução: Liana Pinto Chaves; revisão técnica, José A. Pedro Ferreira. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_, M. (1928). Estágios iniciais do conflito edípico. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-

- 1945). Tradução: André Cardoso; revisão técnica, Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, M. (1948). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In.: *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Tradução da 4ª ed. inglesa; Elias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PENNA, C. *Afinando a escuta sobre o “Inconsciente Social dos Brasileiros”: exotismo e miscigenação*. Listening to the “Brazilian Social Unconscious”: exoticism and miscegenation. Cad. Psicanál. (CPRJ). Rio de Janeiro, vol. 44, n. 47, p. 11-34, 2022.
- PERSICANO, M. L. S. *A angústia na trilha da pulsão: entre psique e soma*. A metapsicologia da angústia e de suas manifestações somáticas. 2004, 255p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_, M. L. S. *A imagem somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, 2013.
- \_\_\_\_\_, M. L. S. A fantasia somática como manifestação de violência. In.: ARAUJO, A.K.F, VIANA, S. A.; DIAS, T. C. S (Org.). *O pensar hoje: ataques ao pensamento na atualidade a partir das contribuições de Klein e Bion*. São Paulo: Blucher, 2022.
- PRAIA DOS OSSOS. Episódio 1: O crime da Praia dos Ossos. [Locução de]: Branca Vianna. [S.l.]: *Rádio Novelo*, 1 ago. 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos>. Acesso em: 17 nov. 2022.
- PRAIA DOS OSSOS. Episódio 6: Doca. [Locução de]: Branca Vianna. Entrevista: Doca Street, Kiki Garavaglia, Fritz d'Orey. [S.l.]: *Rádio Novelo*, 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/doca>. Acesso em: 17 nov. 2022.
- ROSENFELD, H. (1971a). Uma abordagem clínica à teoria das pulsões de vida e de morte: Uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In.: BARROS, E.s M.R. (Org.). *Melanie Klein: Evoluções*. Tradução: Ana Maria Leandro e Lídia Rosemberg Aratangy. São Paulo: Escuta, 1989.
- \_\_\_\_\_, H. (1971b). Introdução à discussão sobre “Uma abordagem clínica à psicanalítica das pulsões de vida e de morte”. In.: BARROS, E.s M.R. (Org.). *Melanie Klein: Evoluções*. Tradução: Ana Maria Leandro e Lídia Rosemberg Aratangy. São Paulo: Escuta, 1989.
- SPILLIUS, E. B. (2001). O conceito de fantasia em Freud e Klein. In.: *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Tradução: Tania Mara Zalcberg; coordenação da edição brasileira: Elias Mallet da Rocha Barros. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- STREET, D. *Mea culpa*. Doca Street, São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- ENTREVISTA com Doca Street com o Amaury Jr. Youtube, 27/10/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sWejk4SC9Js>>. Acesso em: 17/11/2022.